

As representações sociais sobre as mulheres na revista *Careta* (1910 – 1920): entre a mulher ideal e a independente

Douglas Josiel Voks

Mestrando pela UDESC

douglas_voks@hotmail.com

RESUMO: O início do século XX foi marcado por diversas transformações urbanísticas. A cidade do Rio de Janeiro tinha sido modernizada seguindo os modelos arquitetônicos europeus; junto dessas transformações, ocorreu também a tentativa de mudanças comportamentais, pois algumas camadas mais abastadas pretendiam que a sociedade brasileira se tornasse “civilizada”, tal como a europeia. Essas transformações são evidenciadas nas páginas da revista de variedades denominada *Careta*, entre 1910 e 1920. Neste estudo, analisamos as representações sociais acerca do feminino, presentes nesta revista de circulação nacional, para o estabelecimento de um tipo ideal de mulher. A mulher moderna ideal era aquela que usufruía dos espaços públicos, mas que não contestava as hierarquias sociais existentes. Em contraposição, encontramos na revista outra representação social atribuída à mulher. Esta mulher era independente, questionava as hierarquias existentes, “a frente do seu tempo” na forma de vestir e de agir. Todavia, esta mulher independente deveria ser combatida, pois não aceitava o papel de mãe e esposa.

PALAVRAS-CHAVE: História, Imprensa, Relações de gênero.

175

ABSTRACT: The beginning of the 20th century was marked by many urban transformations. The city of Rio de Janeiro had been upgraded following european architectonic models; with this transformations, also happened the attempt of comportamental changes, because some of the richer levels of society intended that the brazilian society became civilized, just like, the european. This transformations are well notice in the pages of the diversity magazine called *Careta* between 1910 and 1920. In this study were analized the socials representations among the female in this magazine of national impression for the establishment of the role model of woman. The ideal modern woman was the one that went to public spaces, but didn't have an objection of the social hierarchy of the time. However, in the magazine, we find another social representation to the woman. This woman was independent, criticized the hierarchy of the time, "foward of her time" in the way of dressing and actions. But, this independent woman should be banished, because she didn't accept the role of mother and wife.

KEYWORDS: History, Press, Gender.

Introdução

A revista *Careta* pode ser considerada o fruto de um sonho que tinha o propósito de levar informação, novidades e entretenimento para uma classe que desejava ser moderna e civilizada. Com a *Careta*, o seu fundador, o tipógrafo Jorge Schimidt trouxe um novo modelo editorial para o Brasil, inaugurando em 1908 uma revista semanal com um ousado *design*, mas, sobretudo, uma ousada proposta: transformar por meio de ideias a sociedade brasileira. Em 1919, a revista possuía um pouco mais de dez anos de existência e, juntamente com a revista *Fon-Fon*, caracterizou-se como uma das publicações de variedades com uma considerável projeção social,

abrangendo diversos estados brasileiros.

Na maior parte de sua existência, a *Careta* se caracterizou como uma revista de generalidades, lançando uma nova publicação todo sábado, tendo aproximadamente quarenta páginas, e suas dimensões variavam entre trinta centímetros de comprimento e vinte centímetros de largura. Em suas capas havia a presença de charges, sempre com um tom satírico, e razoavelmente coloridas, pois isso dava um aspecto mais moderno para a revista, visto que uma de suas preocupações era a estética. Em suas primeiras páginas internas encontravam-se alguns anúncios, com fotografias impressas em papel tipo *couché*, o que dava mais brilho e luminosidade para a imagem.¹ Em suas páginas centrais, destacavam-se fotos da vida cotidiana carioca, críticas expressas em charges a respeito da política brasileira, referências sobre moda e comportamento, além de artigos diversos sobre os seguintes temas: cinema, cultura, arte, crônicas, curiosidades, artigos de opinião, fofocas hollywoodianas, piadas etc. Mas, por vezes, a revista assumiu também uma posição mais informativa e crítica.

Durante os seus quase cinquenta anos de publicação, a *Careta* não seguiu um padrão nas suas colunas; essas variavam e se modificavam de tempos em tempos. Porém, nos anos analisados neste trabalho, destacam-se as colunas *Verdades e Mentiras*, *Crônicas da Vida Cotidiana* e *Vida Social*. Em nenhuma dessas colunas encontramos qualquer assinatura que possa nos indicar quem foi o autor, sendo que, com exceção das charges e dos textos literários, as demais colunas raramente vinham com uma identificação de autoria.

A *Careta* tinha um *design* muito ousado para a sua época, fato que pode ser atribuído à permissão de experimentalismos gráficos por iniciativa de Jorge Schmidt, que em outra publicação chamada *Kosmos* transferiu para o Brasil o modelo editorial que estaria em voga nas principais cidades europeias e norte-americanas.² A revista *Kosmos* foi publicada entre 1904 e 1909, sendo uma revista com uma apresentação visual extremamente requintada e de acabamento mais refinado, apresentando uma temática voltada ao progresso urbano e ao cosmopolitismo, defendendo a concepção *art-nouveau* como padrão gráfico indispensável durante o apogeu da Belle Époque. Posteriormente todo esse requinte e “bom gosto” foram adaptados e transferidos para a *Careta*. Essa transferência de modelo editorial pode ser entendida como a inserção de um modismo que reiterava a tradição do país de transplantes precipitados, por vezes anacrônicos, o que reforça o caráter de busca de nossa modernidade por meio de fantasias, miragens e sonhos e

¹ MACHADO JUNIOR, Cláudio de Sá. *Fotografias e Códigos Culturais: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista Careta (1919-1922)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, p. 12.

² _____. *Fotografias e Códigos Culturais*, p. 11.

não da realidade social.³

As duas revistas fundadas por Schimidt possuíam um modelo editorial muito parecido, porém a *Kosmos* era uma revista claramente voltada para um público mais restrito, já que pressupunha um conteúdo mais erudito; conseqüentemente, por ter esse acabamento mais requintado, tornou-se um investimento extremamente oneroso para o público em geral.⁴ A *Kosmos* contava com a participação de literatos como Olavo Bilac, Artur de Azevedo, José Veríssimo, Paulo Barreto Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha, entre outros, sendo ela uma revista completamente literária e com um conteúdo mais denso e uma linguagem totalmente formal, direcionada apenas para um consumidor altamente alfabetizado e intelectualizado. Já a *Careta* possuía um público consumidor muito mais amplo, pois inaugurou um modelo de variedades, com um caráter de leitura mais espirituosa e divertida, muito distante das demais revistas ilustradas que seguiam um modelo literário.

Observando a diferença dessas duas publicações é que podemos perceber por que a *Careta* conseguiu fixar-se e ser amplamente aceita em várias regiões brasileiras. Mas para além dessa diferença, a *Kosmos* serve para nos mostrar esse grupo de intelectuais e literatos do qual Schimidt fazia parte, o qual era o principal grupo intelectual do Brasil e que participava em muito nas decisões políticas, econômicas, culturais e sociais, sendo também essa mesma elite que possuía o projeto “civilizador” para o Brasil, pretendendo transferir para cá os moldes europeus.

Para alguns membros da elite carioca e consumidores da *Careta*, o que se almejava era uma sociedade europeizada. Nesse sentido a revista servia como um espelho, refletindo os desejáveis padrões comportamentais, políticos, culturais e sociais. Em suas páginas a revista tentou representar uma forma de sociabilização elegante que era almejada por alguns indivíduos abastados, ou seja, ela imprimia em suas edições um estilo de vida que se tentou implantar no Brasil.

Por ser uma revista de generalidades, as charges se faziam presentes em grande quantidade em cada edição. Na *Careta*, as charges não apareciam com um texto explicativo. Essas charges ilustravam as mais diversas representações do universo político, do social e do cultural. No entanto, destacam-se as representações sociais acerca das mulheres. Tais charges eram sempre imbuídas de uma comicidade de duplo sentido que evocavam o comportamento desejável para a sociedade carioca, como também o que não se aceitava.

³ ZANON, Maria Cecília. A sociedade carioca da Belle Époque nas páginas do fon-fon!. *Revista Patrimônio e Memória*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 226, jun. 2009.

⁴ NOGUEIRA, Clara Asperti. Revista Careta (1909 – 1922): símbolo da modernização da imprensa do século XX. *Miscelânea Revista de Pós-Graduação em Letras*, Assis, v. 8, p. 68, nov. 2010.

Mannoni, fazendo um balanço das representações sociais, afirma que:

Situadas no ponto de encontro do individual e do social, do racional e do pulsional, da consciência e do inconsciente, do imaginário e do discursivo, as representações sociais são, ao mesmo tempo, elementos mentais constitutivos e conteúdos de pensamento muito importantes. Não existem representações sociais sem pensamento, claro, mas não há pensamento sem representação social. Ora determinantes, ora determinadas, elas dirigem nossa vida psicológica e orientam, de maneira decisiva, nosso saber – aquele de sentido comum, pelo menos.⁵

As charges da *Careta* demonstram o que o chargista e a revista desejavam que fosse colocado em evidência naquela sociedade. Desta forma, como indicou Mannoni, tais representações sociais teriam o poder de mudar ou de reforçar certas práticas ou valores dos indivíduos receptores. No entanto devemos ressaltar também que por trás de tais representações sociais vamos encontrar formas de discursos.

Para Michel Foucault, em toda sociedade a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos e dominar seu acontecimento aleatório.⁶ Mas, no entanto, Foucault resalta também as condições do funcionamento do discurso, as quais impõem aos indivíduos certo número de regras de forma a não permitir que todo mundo tenha acesso a ele. Desta forma, Foucault questiona quem possui legitimidade para emitir o discurso.⁷ Por mais que o discurso seja aparentemente pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com as relações de poder. Foucault aponta que o discurso não é simplesmente aquilo que manifesta o desejo, é também o objeto de desejo.⁸

178

Se a revista *Careta* pode ser vista como um espelho do seu tempo, devemos ressaltar que é um espelho com alguns desfoques, pois, para além de apresentar determinados fatos históricos, ela esboça também certas práticas que não eram características da sociedade carioca, mas que representavam as expectativas das camadas abastadas. Além disto, a *Careta* serve como uma excelente fonte documental, já que ela foi um meio de comunicação que soube adaptar-se ao seu tempo. Um tempo que se modernizava, adaptando os seus editoriais as novas exigências de um fiel público consumidor.

As matérias e ilustrações presentes na revista eram pautadas pela crítica ou pelo humor. A revista, ao mesmo tempo em que criticava determinados comportamentos vistos como inadequados para os padrões esperados e até tidos como ousados, também por vezes satirizava

⁵ MANNONI. *Apud.* CARDOSO, Ciro Flamarion e Jurandir Malerba (Orgs.). *Representações – contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas, Papyrus, 2000, p.30.

⁶ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 8. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 8-9.

⁷ _____. *A Ordem do Discurso*, p. 37.

⁸ _____. *A Ordem do Discurso*, p. 10.

comportamentos antiquados frente às transformações sociais inauguradas com o novo século. Por conseguinte, entendemos que se havia opiniões discordantes na própria revista, certamente essas mesmas discordâncias se faziam presentes entre os seus leitores.

Tais contradições se fazem presentes entre as charges e textos escritos. Nas charges encontramos a visão das mulheres submissas ao marido, que cuidavam da casa e da família, sem qualquer possibilidade de uma vida fora do ambiente doméstico. As suas realizações se encontravam no casamento e na prole, pois eram os homens que deveriam buscar a realização profissional fora de casa. Já nos textos, o que percebemos é um humor satírico que zombava dos valores rígidos de uma sociedade que não conseguia perceber o processo de modernização inaugurado com o início do século XX no país.

Nas próximas páginas pretendemos esboçar o perfil feminino apresentado pela *Careta* e, ao mesmo tempo, o perfil masculino, demonstrando as relações conflituosas entre estes dois campos. Junto disto, reconstruiremos a trajetória de um grupo em que aqui, nesse artigo, não se destaca nomes ou personagens específicos, mas que é entendido como um grupo de mulheres que estavam dispostas a quebrar barreiras e lutar por direitos; não um grupo organizado coletivamente, mas que, individualmente, cada uma com seu modo de negar a submissão e a passividade ajudou a construir um novo panorama e fazer com que muitas outras mulheres pudessem enxergar um novo horizonte em suas vidas.

A representação social das mulheres e homens na revista *Careta*

Para Machado as transformações urbanísticas e tecnológicas ocorridas no início do século XX fizeram com que a imprensa crescesse e perdesse o seu caráter artesanal, transformando-se em empresas voltadas para uma maior lucratividade.⁹ Periódicos, tais como, as revistas ilustradas, são produtos do ramo empresarial que buscava sustentar-se com a permanência de seu produto no mercado. Nesta perspectiva empresarial o periódico devia corresponder às expectativas de seu público consumidor, visando sempre atingir um maior número de clientes. Desde o seu início as revistas tiveram essa preocupação de abranger um grande público letrado, tendo seu conteúdo direcionado àqueles que possuíam condições socioeconômicas de se tornarem consumidores efetivos. Nesse sentido, textos e imagens deveriam responder aos interesses de um determinado público leitor, tornando-se assim um produto destinado à comercialização e ao consumo.¹⁰

A capital da República, Rio de Janeiro, estava ficando cada vez mais cosmopolita e, por

⁹ MACHADO JUNIOR, Cláudio de Sá. *Fotografias e Códigos Culturais*, p. 10.

¹⁰ _____. *Fotografias e Códigos Culturais*, p. 11.

consequente, a população estava crescendo junto com a cidade. A partir deste desenvolvimento social, econômico e urbano emerge um público para as revistas, que, favorecidas pelo desenvolvimento gráfico, se preocupavam cada vez mais com a estética das ilustrações, publicando inclusive fotografias dessa camada social em ascensão.¹¹ Nesse sentido, a revista *Careta* atendia os desejos e necessidade dos seus consumidores, como por exemplo, instituindo concursos de robustez infantil, dando dicas de moda e criando colunas sociais em que divulgava o modo de vida dessa camada social. Nesse período de efervescência da *Belle Époque* brasileira, aumentavam cada vez mais as fotografias não só de cenas cotidianas, mas também de eventos sociais destes homens, mulheres e crianças.

No início do século XX, vários visitantes estrangeiros comentavam as transformações espaciais e urbanas ocorridas nas principais capitais brasileiras. Para diversos autores como Ana Beatriz Barel¹² e Jeffrey Needell¹³ esse processo de transformações ocorrido nas primeiras décadas do século XX, que foi o auge da *Belle Époque* brasileira, não se deu de um dia para o outro. Foi um longo processo de transformações materiais e principalmente no modo de agir e pensar, que se iniciou desde a vinda da família real, mas que já nas primeiras décadas da República vai atingir o seu ponto máximo. A instituição da República inaugurou um período onde mais do que nunca se almejava transformar a sociedade. Com o advento da República que fica mais clara essa ligação do Brasil com os ideais franceses, já que nessa época as elites vão tentar reproduzir ao máximo a cultura francesa no Brasil, principalmente na capital, Rio de Janeiro, com as reformas urbanísticas de Pereira Passos.

Porém, mesmo com tais reformulações, as classes abastadas, que mantinham um contato com a Europa, percebiam que existia uma distância muito grande entre a sociedade brasileira e o que se considerava “civilização”. Needell indica que:

Embora os brasileiros invejassem a civilização e o progresso do Atlântico Norte, eles também os consideravam uma conquista específica da Europa. [...] Por outro lado, aceitava-se com naturalidade a precária adoção de tecnologias, costumes e capitais estrangeiros no Rio de Janeiro, reflexo das realidades neocoloniais. Na verdade, os habitantes das províncias pensavam no Rio como uma cidade magnífica, capaz de conferir prestígio urbano a quem a visitasse. Apenas os brasileiros que conheciam o estrangeiro vislumbravam a enorme distância que separava sua pátria da Civilização.¹⁴

Neste sentido o prefeito Francisco Pereira Passos planejou a reformulação da cidade do

¹¹ BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009, p. 51.

¹² BAREL, Ana Beatriz. *Um romantismo a oeste: modelo francês, identidade nacional*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

¹³ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁴ _____. *Belle Époque tropical*, p.48

Rio de Janeiro, assim como Hausmann, prefeito de Paris havia feito. Junto dessas transformações físicas, ocorreram também mudanças comportamentais, pois havia a pretensão do alcance de uma “civilidade” tal qual a existente na Europa.¹⁵ Entre as diversas medidas de Pereira Passos para transformar a cidade do Rio de Janeiro, podemos destacar a pavimentação de ruas, construção de calçadas e asfaltos, embelezamento de praças e passeios públicos, proibição da venda ambulante de alimentos, proibição da criação de porcos dentro do limite urbano, combate ao ato de cuspir no chão dos bondes e o descuido com a pintura das fachadas, assim como a proibição de uma série de outros costumes que passaram a ser tidos como “bárbaros” e “incultos”.¹⁶

Devemos ressaltar que houve uma tentativa de imposição de tais mudanças comportamentais, tentando fazer com que as pessoas incorporassem esses novos hábitos. Todavia, tais mudanças não necessariamente aconteceram. Podemos perceber então que para além das medidas para as transformações urbanísticas, procurou-se também mudar hábitos e costumes. Conseqüentemente, essa tentativa de construção de novas práticas consideradas elegantes em grandes centros urbanos gerou outra mudança social: um número cada vez maior de mulheres¹⁷ das classes altas caminhando pelas grandes avenidas recém-abertas, fazendo compras, passeando, tomando chá, indo ao cinema, e tudo isso sem a presença masculina.¹⁸



Fig. 1 – *Revista Careta*, março de 1917. Ed.456

Essas mulheres, desde o início da publicação da *Careta*, eram retratadas pelo periódico

¹⁵- D' INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 226.

¹⁶- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical*, p.57.

¹⁷- Nossas análises a partir da categoria 'gênero' são feitas através do diálogo com Joana Maria Pedro, Margareth Rago, Joan Scott, entre outras, compartilhando do entendimento destas do que seja a categoria gênero. Para essa última gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. SCOTT, Joan W. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Recife: Corpo e Cidadania, 1990, p. 14.

¹⁸- HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Florianópolis: Mulheres, 2003, p.183.

em suas colunas sociais andando pelos *boulevards*¹⁹ do Rio de Janeiro. Tais colunas demonstravam as transformações urbanísticas e sociais ocorridas pela intensificação da *Belle Époque*. Elas serviam não apenas como um “retrato” de um grupo social, mas também tinham a função de qualificar quem poderia ser representado em suas páginas.

As inovações culturais e tecnológicas ocorridas no início do século XX no Brasil afetaram igualmente tanto as mulheres quanto os homens. As mulheres das classes abastadas além de frequentarem as casas de chá ou teatros, também passaram a dirigir carros e ir sozinhas ao cinema. Os filmes retratavam as mulheres como jovens trabalhadoras independentes e heroínas modernas e, ao mesmo tempo, sexualmente sedutoras. Desta forma, o cinema ajudava as mulheres da elite a adquirirem novas ideias e aspirações, fugindo assim do confinamento doméstico.²⁰

O Código Civil de 1916²¹ subordinou as mulheres frente aos seus maridos, pois a estes cabia a administração dos bens comuns do casal e de bens particulares da esposa. O artigo 266 do referido Código Civil²² afirma que “Na constância da sociedade conjugal, a propriedade e posse dos bens é comum”, mas em seu parágrafo único aponta que “A mulher, porém, só os administrará por autorização do marido”. Percebemos então a legalização da subordinação das mulheres em relação aos homens, já que os direitos civis e patrimoniais que elas possuíam só eram garantidos se houvesse o aval do marido.

De forma concomitante à legislação encontramos também o saber médico como uma forma de controle e disciplina social, que no início do século XX passou a ter uma forte influência no meio familiar. As doutrinas médicas, em especial o higienismo sanitaria, instituíram um conjunto de preceitos que deveria orientar a vida em diversos aspectos: na vida urbana, no trabalho, no comércio de alimentos, no domicílio, na família, nos corpos.

Esse processo de intervenção começou no século XIX, quando as teses médicas se dedicavam aos cuidados infantis, a fim de evitar a degeneração, atingindo o comportamento materno através da ideia de contágio dos males sociais.²³ Desta forma, as mulheres e as crianças eram as principais personagens no cuidado da ordem higiênica, no qual o saber médico se

¹⁹ *Boulevard*, palavra de origem francesa, que na tradução para o português significa avenida. Porém, *boulevard* não caracteriza qualquer avenida, mas sim uma avenida arborizada com preocupações paisagísticas.

²⁰ HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino*, p.248.

²¹ _____. *Emancipação do sexo feminino*, p.191.

²² As informações sobre o artigo citado foi retirado do Livro I Do Direito de Família, do código civil brasileiro de 1916. Disponível em: <<http://www.soleis.adv.br/direitodefamiliacodcivil.htm>>. Acesso em: 13 out. 2011.

²³ NASCIMENTO, Kelly Cristina. *Entre a mulher ideal e a mulher moderna: representações femininas na imprensa mineira, 1873-1932*. 2006. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 83-84.

preocupava com temas como gravidez, aborto, aleitamento, mortalidade infantil e educação da mulher e da criança. A partir de argumentos de cunho científico advindos de sua formação universitária, a figura do médico passava a opinar sobre tudo o que envolvesse as mulheres, indo desde os aspectos da sua constituição física e mental até o vestuário e os hábitos da moda.²⁴

As mudanças de comportamento de algumas mulheres nas primeiras décadas do século XX, como a presença na política, em profissões que eram tidas até então como exclusivas do sexo masculino e, principalmente, a busca pela independência, fizeram com que elas, em algumas situações, fossem vistas e tratadas como “loucas”. Este fato não foi comum, mas é um exemplo de situações extremas. De acordo com o saber psiquiátrico da época, em relação à teorização do “normal” e do “patológico”, o desvio de conduta do considerado como feminino significava, de alguma forma, a recusa ou a resistência ao papel “natural” de ser mãe, por isso classificado como loucura.

Uma classificação muito utilizada na época era a “loucura moral”. Segundo um psiquiatra da época, esse termo era empregado para mulheres “vaidosas, independentes, voluntariosas, atrevidas por vezes em suas expressões [...] procura exhibir as pernas o mais que pode quando sentada, realçar o contorno dos quadris quando anda”²⁵. Nos hospícios havia também uma grande diferenciação entre as mulheres das camadas abastadas e as pobres. As mulheres ricas não trabalhavam, exceto por vontade própria.²⁶ Já para mulheres pobres estavam reservadas atividades “condizentes” com a condição feminina, ou seja, cozinhar e bordar. No discurso da época, presente na imprensa, as mulheres eram retratadas como frágeis, submissas e carentes de proteção; na revista *Careta*, as mulheres eram representadas como um “instrumento” da casa, que não deveria ou não conseguiria administrá-la sozinha e, mais do que isto, era retratada como uma incapacitada em relação ao homem, tanto no mercado de trabalho, como socialmente.

Se tua mulher scisma de fumar um cigarro – dá-lhe o cigarro e agradeça aos céos não ter sido um charuto... Nunca se deve contrariar uma mulher nas pequenas cousas. As pequenas cousas são, para as mulheres, as grandes cousas.²⁷

Conforme a citação acima, percebemos que, de uma forma indireta, a revista insinua que as mulheres são histéricas por natureza. Sendo assim, todo o cuidado era pouco para não

²⁴ ENGEL, Magali. O lugar do discurso: a academia dos médicos In. *Meretrizes e doutores, saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 43-44.

²⁵ CUNHA, Maria. C. Perreira. Loucura, Gênero Feminino. As Mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX. *Revista Brasileira de História*, v. 18, n. 35, p. 121-144, 1989.

²⁶ Não se negava ou restringia o acesso da mulher pobre ao trabalho, pois se reconhecia a necessidade econômica que estas possuíam. Porém, o trabalho braçal feminino para as elites era tido como algo vulgar associado à corrupção moral.

²⁷ *Careta*, n. 1191, abr. 1931, p. 27. As frases retiradas da *Careta* foram transcritas tal como se encontravam na revista. Por isso, algumas palavras apresentam uma ortografia diferente da qual utilizamos hoje. Como por exemplo, as palavras scisma, céos, cousas, entre outras.

despertar essa fúria indomável, que por coisas banais, como por exemplo, um simples cigarro, poderia vir à tona. Em contrapartida, o cigarro nas mãos das mulheres sugeria que elas seriam pessoas com hábitos modernos. Então, essa não era a “mulher” idealizada nas páginas da revista, mas sim a combatida. As atividades das mulheres era cuidar da família, e para isso necessitava de um casamento. Afirmava-se, então, que a “profissão” das mulheres era o casamento. Na cidade catarinense de Desterro, posteriormente conhecida como Florianópolis, o jornal *A República* apresentava inúmeras matérias que se dedicavam à figura feminina. Nestes textos as mulheres eram retratadas como “caçadoras de marido”.²⁸ Esse tipo de argumentos se fazia presente também na revista *Careta*.

Esse exemplo catarinense é importante para mostrar que essa não era uma visão exclusiva da *Careta* e muito menos uma perspectiva restrita à cidade do Rio de Janeiro. Porém, a revista *Careta* vai mais longe em relação às demais publicações deste tipo. Em seu quadro “A Arte de ser Marido”, coluna de pequenas frases sobre o comportamento feminino no casamento, temos um pequeno manual de como o homem deveria agir no casamento.

O casamento é uma coisa que acontece – como um desastre de bonde. Fica-se marido como se fica com uma perna só. Ora, assim como há o guia do perneta, pode-se também fazer o manual dos maridos. Dahi, este ensaio. Na vida de uma mulher casada, uma dôr de cabeça é um facto mais alarmante do que um filho. O filho era esperado, a dôr de cabeça não.²⁹

Estudos, tais como o da historiadora Margareth Rago mostram que as mulheres intelectualizadas das camadas mais abastadas não necessariamente negavam o “papel” de mãe e dona de casa, mas entendiam que poderiam exercer estas atividades sem permanecerem confinadas dentro de casa o dia todo; defendiam que a entrada das mulheres no mundo do trabalho ou da política não significava o fim da família ou dos valores morais. Rago afirma ainda que algumas revistas femininas como *A Mensageira*³⁰ e a *Revista Feminina*³¹ insistiam em que não se

²⁸ PEDRO, Joana Maria. As crises das elites e as mulheres como “pilares” da sociedade. In: PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres mal-faladas, uma questão de classe*. Florianópolis: Editora UFSC, 1994, p.53.

²⁹ *Careta*, n. 1191, abr. 1931.

³⁰ *A Mensageira* foi uma revista literária dedicada à mulher brasileira. Lançada por Presciliana Duarte de Almeida, circulou em São Paulo entre os anos de 1897 a 1900. Destinada à produção literária feminina, publicava também artigos que defendiam a emancipação das mulheres, reivindicando especialmente uma educação de qualidade. Em suas páginas figuravam nomes como os da escritora Júlia Lopes de Almeida e da portuguesa Guiomar Torrezão, escritora e líder feminista. Cf. KAMIT, Rosana Cássia. Revista “A Mensageira”: alvorecer de uma nova era? *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 164-168, 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/10268/9513>>. Acesso em: 15 out. 2011.

³¹ A *Revista Feminina* foi uma publicação “escrita” e dirigida por mulheres, inteiramente voltada ao público feminino, sendo criada no início do séc. XX (1914-1936). A *Revista Feminina* ao trazer assuntos ditos de “interesse da mulher” estabelecia um discurso sobre as referências socialmente condicionadas e condicionantes da natureza dos femininos e masculinos possíveis. SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Tinturas petalina, creme dermina e a felicidade ao alcance de uma página: a revista feminina e seus anúncios publicitários. In: FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS. *Anais Eletrônicos...* Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277927718_ARQUIVO_ArtigoFazendotrabalhocompleto>.

deveria confundir liberdade com libertinagem, e que a grande participação das mulheres no mundo do trabalho resultaria no oposto do que se esperava, ou seja, a valorização das mulheres.³² Desta forma, percebemos que havia uma luta não apenas para a entrada no mercado de trabalho, mas também a aceitação e o fim dos estereótipos construídos em torno do trabalho feminino.

No início do século XX, as mulheres no âmbito do discurso eram identificadas como dóceis, submissas, sensíveis e dependentes. Já em relação aos homens essa identificação estava associada à razão e à força no campo pessoal e no social. Nesse sentido, a noção de autoridade na esfera privada e pública era entendida como masculina.

A assimetria de poder na família era reforçada pela disposição da nova ordem em promover uma separação total entre homens e mulheres: pensava-se na época que quanto mais feminina a mulher e mais masculino o homem, mais saudáveis a sociedade e o Estado. Nessa separação, a autonomia do gênero masculino contrastava com a submissão feminina. A subjugação da mulher ia ao encontro da constituição de uma família nuclear para qual o lar, com as afazeres domésticos e os cuidados com as crianças, se tornaria se espaço legítimo, enquanto aos homens ficaria destinada a esfera pública, a esfera do poder.³³

Estas noções eram difundidas no ambiente escolar das primeiras décadas do século XX entre as crianças e jovens. O historiador Vanderlei Machado aponta que nas cartilhas escolares de 1910 eram comuns histórias de mulheres representadas como “cuidadoras” e afetuosas. Dos homens se esperava um respeito às hierarquias e não demonstrações de carinho.³⁴ Nessas cartilhas encontravam-se também ensinamentos de como o menino deveria ser na escola, e que por consequência deveria seguir esses comportamentos na sua vida social.

Na educação dos meninos se fazia também muito constante a questão do trabalho, pois só com o trabalho os homens seriam úteis para a sociedade. Este papel cabia única e exclusivamente aos homens, visto que trabalho exigia força física e capacidade intelectual, atributos não compatíveis com a fragilidade e incapacidades das mulheres. Na educação dos meninos era uma constante a preocupação com a questão do trabalho. Nesse sentido, os homens que desejassem ser percebidos como honrados, além de possuírem uma boa educação e um labor, deveriam ter também preocupações com a saúde do corpo e principalmente com a sua aparência física.

pdf> Acesso em: 19 out. 2010.

³² RAGO, Margareth. *Relações de Gênero e classe operária no Brasil, 1890-1930*. In: MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lucia. (Orgs.). *Olhares Feministas*. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006, p. 223-242. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154563por.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

³³ OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *Religião, Ideias Burguesas e a Masculinidade*. In: *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p.103.

³⁴ MACHADO, Vanderlei. *Entre Apolo e Dionísio: A imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis, 1889-1930*. 2007. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, p. 251.

A moda masculina diz muito em relação aos comportamentos sociais da época, por isso merece um destaque. Na imprensa em geral eram muito comuns colunas sociais apresentando o homem galante. Na revista *Careta*, além de fotografias encontramos muitas charges fazendo menção aos homens ricos e também, em oposição, aos homens pobres. Paulo Knauss afirma que “a imagem é capaz de atingir todas as camadas sociais ao ultrapassar as diversas fronteiras sociais pelo alcance do sentido humano da visão. Como lembra John Berger, a visão vem antes das palavras”.³⁵

Por isso as imagens da *Careta* se fazem tão importantes, já que este tipo de distinção social que se tinha através do vestuário se fazia muito presente nas páginas da revista, como uma forma visual de caracterizar cada camada social.

Nas representações abaixo (figuras 2 e 3), da revista *Careta*, percebemos claramente as diferenças entre os homens pobres e os ricos, não só pelo vestuário, mas também pela aparência física. Na primeira imagem, vemos homens de classes populares. As figuras são desajeitadas, com aparência cansada e nada saudável, além das vestimentas simples indicarem a sua classe social. Já na segunda imagem temos a representação social de um homem de classe abastada. A revista retrata-o com uma postura ereta, firme, forte e com aspecto saudável, já que como afirmamos a beleza e a higiene eram sinônimos de saúde.

186



Fig.2 - Revista *Careta*, novembro de 1911. Ed. 181



Fig. 3 - Revista *Careta*, julho de 1919. Ed. 578

A aparência era muito importante no início do século XX. Martins afirma que “um indivíduo que andasse pelas ruas da capital [...] que tivesse aparência de pobre, corria o risco de ser detido pelos inspetores de segurança [...] e recolhido à delegacia sob a alegação de prática de

³⁵ KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. *Revista ArtCultura*, v. 8, n.12, p. 97-115, jan./jun. 2006.

vadiagem”³⁶.

Nessas duas charges acima (Figuras 4 e 5), de 1920, representando uma manhã pós-carnaval, percebemos a condição submissa das mulheres: enquanto os homens vão às festas, as mulheres ficam restritas ao lar. Na Figura 4, um homem bêbado, dormindo ou desmaiado, está sendo carregado; não se sabendo onde ele mora, o guarda manda deixá-lo em qualquer casa que tenha uma mulher na porta com um pão, demonstrando uma visão submissa das mulheres.



Fig.4. *Revista Careta*, fevereiro de 1920. Ed 609

Legenda

- O carregador: mas afinal, para onde é que vamos?
- Pierrot: vá andando, vá andando; e pare na casa em que houver à porta uma mulher e um pão.



Fig. 5. *Revista Careta*, fevereiro de 1920. Ed.609

Legenda

- Ao romper do dia
- O que é isso patrão?
- Não é nada, não, Francisco. Não diga nada à senhora, para não assustá-la, e ao meio dia bata aqui a porta para me acordar.

Esta imagem pode também ser compreendida como uma representação social das mulheres à procura de um homem para o casamento, já que em várias passagens a revista insinua que muitas mulheres são “caçadoras de marido” e que têm medo de ficar sozinhas. A mulher na porta de casa pode ainda representar uma mulher solteira que aceitará qualquer homem que aparecer.

Considerações finais

A passagem do século XIX para o XX no Brasil não marca apenas uma transformação temporal, mas também a efervescência de mudanças sociais, urbanísticas e culturais que culminam no auge da *Belle Époque*, e é justamente nesse ápice que surgiu a revista *Careta*. Era uma publicação que ia muito além de um mero veículo de comunicação, pois ela transformou nos meios de pensar, agir e principalmente na estética e nos padrões de impressão, estabelecendo-se como a mais luxuosa e umas das principais revistas ilustrada do início do século XX no Brasil. Representou um grupo social que desejava uma sociedade europeizada, mas que vivia nos trópicos.

³⁶ MARTINS, Sílvia Helena Zanirato. Homens pobres, homens perigosos, a repressão à vadiagem no primeiro governo de Vargas. In: *História*, São Paulo, nº 12, p. 283, 1993.

No entanto, mesmo com a busca por uma sociedade réplica da europeia, não podemos pensar em uma simples transplantação cultural. Essa importação cultural cria o que Canclini define como “hibridismo cultural”³⁷, pois acreditamos que para a cultura não existem barreiras, ela cruza os oceanos e vai se mesclando com as mais diversas culturas, reelaborando-se e sendo interpretada em cada lugar de uma maneira diferente e própria.

Entre as suas mais variadas representações, as mulheres ganham destaque, já que a revista tentou criar um tipo ideal de mulher, a qual era moderna, pois ocupava os novos espaços urbanos criados pela fase da *Belle Époque*. A mulher moderna ideal era aquela que usufruía dos espaços públicos, mas que não contestava as hierarquias sociais existentes. Em contraposição, encontramos na revista outra representação social atribuída à mulher. Esta era independente, questionava as hierarquias sociais existentes, estava “a frente do seu tempo” na forma de se vestir e de agir. Todavia, esta mulher independente deveria ser combatida, pois não aceitava o papel de mãe e esposa. Percebemos também que a revista construiu um perfil masculino para os homens. Este deveria ser rico, culto e bem sucedido.

Recebido: 18/04/2012
Aprovado: 06/06/2012

188

³⁷ CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2000.